

Sistema de informação tecnológica

Suzana Valle Lima*

DUARTE, Jorge Menna. *Comunicação e tecnologia na cadeia produtiva da soja em MT*. São Bernardo do Campo: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), 2004. 243 p. (Tese de doutorado)

A tese apresentada por Jorge Antonio Menna Duarte trata de analisar o chamado “Sistema de Informação Tecnológica” da cadeia produtiva da soja no Estado do Mato Grosso. A importância do trabalho se torna evidente quando se considera que essa cadeia é a estrela do agronegócio brasileiro, movimentando hoje, segundo alguns autores, cerca de 32 bilhões de dólares por ano e correspondendo a 6% do PIB brasileiro.

Há inúmeros estudos demonstrando que esse feito só foi possível graças à incorporação intensiva de tecnologia aos sistemas produtivos dessa commodity. É lógico derivar daí a conclusão de que a circulação de informação tecnológica dentro da cadeia é ponto extremamente relevante para a competitividade sustentada desse negócio agrícola. Ou, como afirma um dos autores citados na tese, que “a comunicação é a locomotiva da tecnologia”.

Menna Duarte se distingue pela linguagem leve e ágil com que facilita a jornada do leitor, nos oito capítulos de sua tese. Também é digno de nota o cuidado em contextualizar, historicamente, cada fenômeno de interesse para sua obra, desde as transformações na agricultura (Capítulo 1), passando pelos diferentes paradigmas de transferência de informação e de tecnologia para o agricultor brasileiro (Capítulos 2 e 3), até a análise sobre o agronegócio da soja e da informação tecnológica na cadeia, nos capítulos que introduzem a análise central de seu estudo (6 e 7).

* Pesquisadora, Embrapa.

O marco conceitual (Capítulo 4) é apresentado de forma elegante, em torno dos conceitos de tecnologia, transferência de tecnologia, teoria de sistemas, cadeias produtivas e sistema de informação e conhecimento agrícola. Esse marco conceitual robusto é desdobrado em estratégia metodológica consistente, de natureza qualitativa, em que o autor persegue a trajetória da informação tecnológica ao longo da cadeia produtiva, a partir das informações prestadas pelos diferentes atores sociais envolvidos.

A cadeia produtiva da soja no Brasil, e em Mato Grosso, vale destacar, tem sido objeto de estudo de diversos autores, dada a sua importância para o agronegócio brasileiro. Esses estudos têm focalizado temas como a eficiência e a competitividade da cadeia produtiva, em geral, com base nas transações comerciais entre seus diversos componentes. A tese em análise nesta resenha reveste-se de especial importância por lançar luz sobre a questão do fluxo de informação na cadeia, tão importante para garantir seu sucesso continuado.

A perspectiva epistemológica utilizada no estudo - fundamentada na Teoria de Sistemas - permitiu o desenvolvimento de metodologia inovadora e produtiva de construção e análise do Sistema de Informação Tecnológica (SIT) da cadeia produtiva da soja no Mato Grosso (Capítulo 8). Inovadora porque desenvolvida inteiramente a partir do trabalho investigativo realizado pelo autor, para alcance dos seus objetivos teóricos; e produtiva, por lhe permitir avanços firmes e significativos na sistematização do enorme conjunto de informações levantadas nesse trabalho. Não menos importante, essa metodologia pode ser aplicada, com certeza, à análise de outras cadeias produtivas, com resultados de relevância similar aos observados nessa tese.

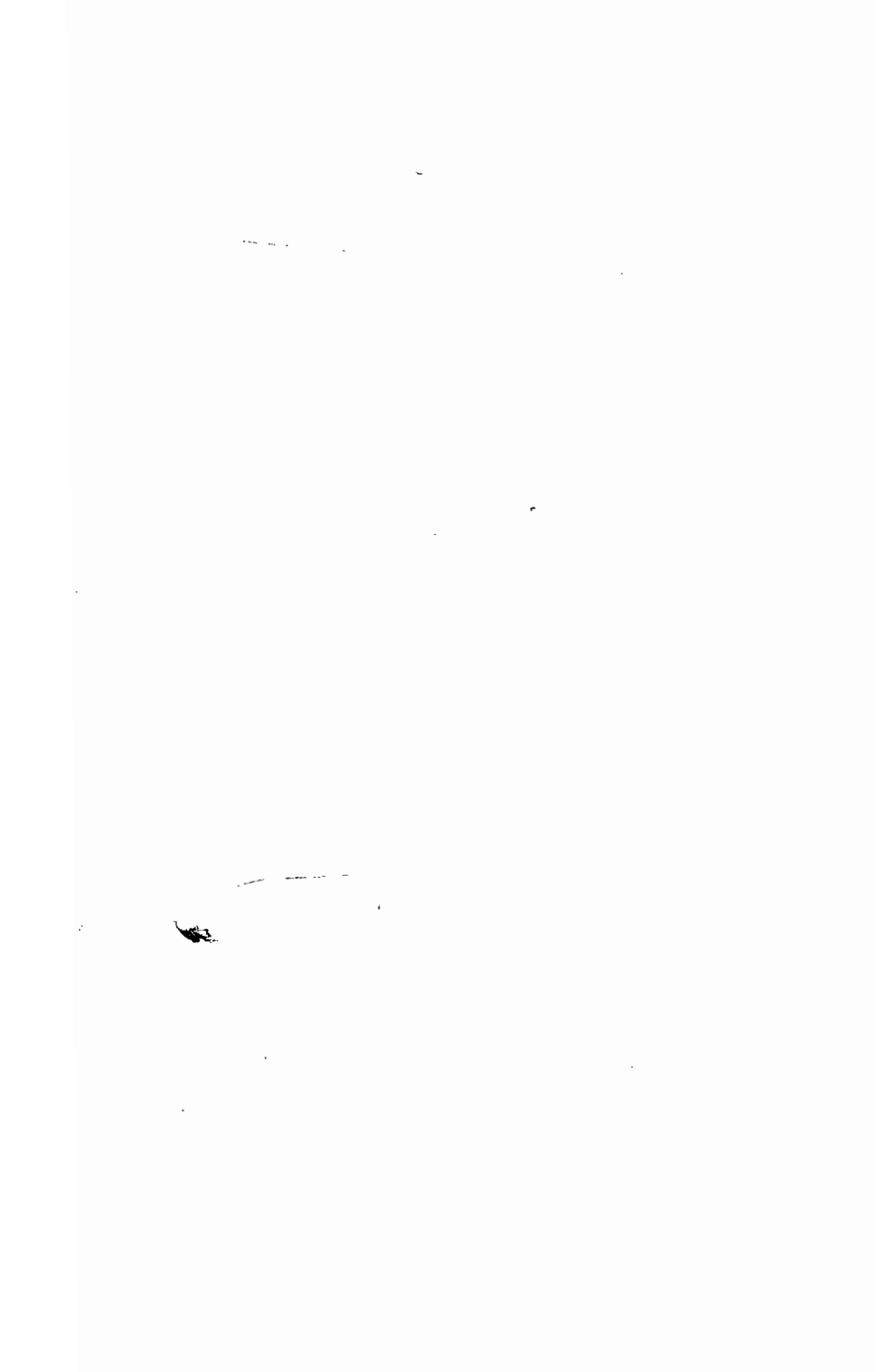
A evolução histórica das formas pelas quais a informação tecnológica é distribuída e apropriada pelos produtores rurais é analisada no Capítulo 7. Torna-se claro como se tem tornado complexa essa distribuição, a partir da transformação de arranjos cooperativos previamente existentes - e que emergiram de forma quase espontânea - em competição entre os principais atores sociais envolvidos, a partir de mudanças na regulação sobre o retorno econômico de investimentos em pesquisa (a promulgação da Lei de Proteção de Cultivares, em 1997). Essas mudanças também levaram à entrada de novos atores

sociais, de relevância inquestionável, o que colocou novas demandas à geração e distribuição de informação tecnológica para essa cadeia produtiva.

No Capítulo 8, destacam-se as categorizações e análises sobre os diferentes fluxos de informação que ocorrem nas diversas etapas modeladas para o Sistema de Informação Tecnológica (entrada, processamento e distribuição de informação). A tipologia dos diversos atores sociais e, particularmente, das unidades produtivas que consomem a informação tecnológica é outra contribuição relevante do estudo.

Finalmente, é conveniente enfatizar a importância dos resultados obtidos para a formulação de propostas de intervenção que permitam à cadeia produtiva superar obstáculos na distribuição e acesso à informação tecnológica, e aproveitar melhor as oportunidades para que isso ocorra. No Capítulo 8, as seções finais tratam de realizar essa análise, vinculando-a com proposta estratégica para aprimorar o SIT.

Assim, se de um lado o trabalho desenvolve interessante análise para avançar na compreensão de sistemas sociais complexos, como é o caso de uma cadeia produtiva, e apresenta proposta metodológica que se mostra bastante profícua, por outro lado cumpre o papel, nem sempre bem contemplado em teses de doutorado, de fazer conexões interessantes para o aperfeiçoamento - na prática - dos sistemas e fenômenos analisados.



Mídia e imaginário sobre drogas pelos jovens ravers

Graça Caldas*

SANTOS, Marli dos. *Cenas e sentidos na tribo raver: a ordem da fusão. Estudo da recepção dos discursos jornalísticos sobre drogas pelos jovens ravers*. São Paulo: ECA-USP (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação), 2004. (Tese de doutorado)

Narradora e coadjuvante. Assim se apresenta a autora da tese, professora Marli dos Santos, ao relatar sua imersão em várias cenas de festas ravers, na periferia da Grande São Paulo. A estratégia visa conhecer o comportamento dos jovens, em sua pesquisa de campo, realizada de junho de 2002 a novembro de 2003, numa aproximação de seu objeto: estudo de recepção dos discursos jornalísticos sobre drogas pelos jovens ravers. A narrativa da autora, também jornalista, a forma como se coloca como sujeito de sua pesquisa e, ao mesmo tempo, observa e descreve o cenário, palco de “criatividade, hibridismo de estilos e comportamento para a resistência e sobrevivência”, cenas observadas, sem perder de vista o método científico, revela um estilo de fazer pesquisa pouco presente no campo da Comunicação, carente de pesquisas etnográficas e interdisciplinares.

Sensação de felicidade, sentido de pertencimento, de identidade ~~são~~ sentimentos que perpassam os diferentes e intensos momentos dos jovens nas festas ravers, com ou sem drogas, lícitas ou ilícitas, tudo muito bem articulado pela autora. Pouco a pouco os cenários vão sendo descortinados e os jovens ravers, alguns drogados com ecstasy, a droga do amor, outros nem tanto, evidenciam o comportamento tribal dos jovens de hoje, do século XXI, como os dos jovens da Grécia antiga. Apocalípticos ou integrados? Pergunta recorrente mas reducionista para expressar a complexidade do comportamento

* Jornalista e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Unesp e do Labjor da Unicamp.

multifacetado dos jovens como o próprio trabalho demonstra, ao longo de suas páginas. A passagem pelo habitat dos jovens, pela aproximação do objeto, é fundamental para a compreensão da pesquisadora sobre os códigos das tribos, sejam eles musicais, lingüísticos ou visuais.

Constata, no rico percurso, os hábitos de consumo dos meios de comunicação de massa pelos jovens já atestados por outras pesquisas: a internet e a televisão. Jornais e revistas, muito pouco. Na trilha dos jovens, descobre uma visão acurada e crítica sobre a mídia. Condena a visão estereotipada da mídia sobre os jovens ravers e o consumo de drogas. "Ela [a mídia] é pouco qualificada e ligada a modismos, associando o consumo da droga a determinados comportamentos e a jovens mais pobres, da periferia; (...). A mídia divulga aquilo que quer, sem dar espaço a manifestações sobre o que efetivamente as pessoas sentem em relação às drogas. Nem sempre quem vai às ravers é usuário de drogas. O jornalista deve se qualificar para uma reportagem que respeite as diferenças." Na imagem construída pela mídia sobre os jovens ravers, eles se sentem marginalizados, desrespeitados.

O trabalho da professora Marli encerra uma série de contribuições para o campo da Comunicação. Primeiro, por abordar temática relevante. Depois, por estabelecer uma conexão clara com o campo da cultura, particularmente os Estudos Culturais, reunindo também qualidade indispensável ao campo: a interdisciplinaridade.

A originalidade da abordagem, seguida do rigor teórico, permite o aprofundamento da análise, com resultados densos sobre a imagem estereotipada, construída pela mídia sobre os jovens ravers, na percepção deles mesmos, mas também verificada *in loco*, pela própria autora, que não se limitou a ouvir a opinião dos jovens. A partir de estudo de campo sistematizado, com aproximação inicial do objeto - as festas ravers e as drogas, e as formas como a mídia retrata esta relação, adentrando em seguida no aprofundamento da análise por meio do recurso metodológico de grupos focais combinado com as teorias da recepção e da análise do discurso, consegue desenvolver uma análise primorosa, farta de evidências e documentação.

Antes, porém, de perguntar aos jovens de 19 a 24 anos, participantes dos grupos focais "quais os sentidos atribuídos pelos jovens

ravers, usuários de drogas ilícitas, aos discursos jornalísticos sobre drogas”, objeto central de sua tese, a professora Marli fornece ao leitor um rico e nada trivial panorama histórico do comportamento da juventude em diferentes contextos sociais, passeando “pelo século quinto antes da era cristã (Grécia), até os dias atuais”.

Nesse percurso tece uma importante radiografia dos jovens gregos, romanos, judeus-cristão e na Era Moderna: operário, revolucionário, fascista, nazista, hippie, rebelde, entre tantos outros. Faz uma radiografia das diferentes épocas e contextos, em que o jovem sempre buscou suas tribos, evidenciando que o comportamento da juventude é um verdadeiro pêndulo, oscilando entre a apatia e rebeldia. Demonstra, assim, que o grande problema, na cobertura da mídia sobre temáticas relacionadas à juventude é a tentativa de engessamento do jovem a partir de arquétipos criados equivocadamente a partir de um modelo de “monoformismo em vez de poliformismo”, sem dar conta da complexidade do processo.

Para os jovens, como demonstra a pesquisa, “os ravers não são apenas uma metonímia projetada na capa de alguma revista - piercing na língua, cabelos azuis arrepiados e comprido de ecstasy na boca”. O reducionismo da mídia no tratamento da droga ecstasy em festas ravers revela o distanciamento entre o discurso jornalístico e o real discurso dos jovens, onde “o prazer de consumir drogas” se opõe frontalmente ao sofrimento” relatado pela mídia. “Drogados violentos”, “drogados infelizes”, “drogados inconseqüentes”, “ravers drogados”, “ravers pobres e drogados” são alguns dos termos encontrados pela autora nas notícias selecionadas para a análise do grupos focais em diferentes mídias: veículos semanais de informação, jornais diários, revista especializada ou na televisão.

A análise identificou ainda um sentido de distanciamento dos jovens ravers em relação ao discurso jornalístico. “Esse distanciamento ocorre por oposições entre a identidade real estereotipada, entre o poder dos discursos midiáticos e a fragilidade dos discursos dos ravers, entre o interesse público e o privado, entre o prazer vivido e o sofrimento retratado, entre a agressividade atribuída ao usuário de drogas ilícitas e a afetividade que buscam no transe neoliberal.” Outro aspecto não menos importante apontado pela pesquisa é que o discurso dos ravers também é estereotipado e generalizante ao

se referirem a outras tribos.

As marcas lingüísticas encontradas no discurso colocam e evidenciam a exteriorização da polifonia de vozes, da diversidade de opiniões, da complexidade latente no comportamento. Neste sentido, o imaginário social sobre os “jovens ravers drogados, estereotipados” divulgado pela mídia é mais uma representação, uma reconstrução do real, reduzindo a riqueza das tribos que são banalizadas pela indústria cultural. O trabalho critica, ainda, a lógica da produção capitalista da mídia “que resulta em textos culturais massivos digeríveis (‘gêneros discursivos’), sem causar esforço cognitivo, para atender às necessidades dos receptores-consumidores” e recupera, sobretudo, para entendimento da sociedade, a dimensão da afetividade que os jovens buscam no “transe neotribal”.

Rap: uma manifestação folclórica urbana

Elaine Cristina Alves*

CORNIANI, Fábio Rodrigues. *Rap: uma manifestação folclórica urbana*. São Bernardo do Campo: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), 2003. 190 p. (Dissertação de mestrado)

O termo “folkcomunicação” surge na década de 60 a partir dos estudos de Luiz Beltrão ligados ao fenômeno da comunicação social. Considerando o forte domínio que mídia vem exercendo nas últimas décadas, um outro foco foi estudado voltado para “a interação entre os meios de comunicação de massa (mídia) e a folkcomunicação, seja pelo uso de elementos originários do folclore pela mídia, como a utilização de elementos da comunicação massiva pelos comunicadores populares” (p. 30).

Surgiu a partir desses estudos o termo “folkmídia”. Foi com esses conceitos que analisamos a dissertação de Fábio. Então, é possível afirmar que as duas expressões-chave do trabalho são: “folkmídia” e “rap”.

Na introdução, o autor comenta que “(...) podemos descartar a hipótese da interpretação do rap pura e simplesmente como uma modalidade de comunicação de massa, pelo fato de estar utilizando, em alguns casos, os meios de massa, (...), mantém a matéria prima e é gerada a partir das camadas marginalizadas da sociedade, esta formada na maioria por pessoas de baixa renda, desempregados e negros que residem na periferia das grandes cidades. Luiz Beltrão proclama a ‘folkcomunicação como um conjunto de formas de expressão das camadas marginalizadas da sociedade’, então detectamos no rap uma manifestação espontânea tipicamente folclórica” (p. 14).

Falar de folkcomunicação é também falar da “capacidade do

* Mestranda do PósCom da Umesp.

comunicador folk em encontrar a forma exata de codificar a mensagem e construir argumentos de maneira que sua audiência compreenda-a e dobre-se face à originalidade e contextualização da argumentação elaborada”.

Quando fala do “processo folkcomunicacional”, o autor analisa as “letras como mensagem folk, estas que através de um canal são transmitidas a uma audiência que se enquadra dentro dos grupos urbanos marginalizados”. Para tanto, retoma os conceitos de Beltrão, separando as etapas do processo, desde o líder comunicador até a audiência folk ou receptor da mensagem folk. Ele reafirma que o grupo está inserido na cultura popular, pois as letras narram “a dura vida de quem é negro e pobre, denunciando o racismo e o cotidiano das pessoas que moram em regiões sub-urbanas da capital” (p. 63). Sem negligenciar os meios de comunicação de massa, os comunicadores populares, por vivenciarem as suas mensagens, conseguem comunicar com maior fidelidade e consciência, temáticas como pobreza, violência, repressão, fome, preconceito e uma infinidade de situações presentes na maior parte do Brasil. “No trecho abaixo Beltrão demonstra com exatidão os canais com que os grupos marginais urbanos se comunicam: (...) No entanto, é em manifestações coletivas e atos públicos, promovidos por instituições próprias (sindicatos, associações desportivas, beneficentes e recreativas, como escolas de samba, clubes carnavalescos e conjuntos folclóricos, ou organizações religiosas, irmandades e confrarias católicas, centros espíritas, terreiros de umbanda e candomblé, igrejas e tendas de confissões evangélicas pentecostais) que, sob formas tradicionais, revestindo conteúdos atuais, sob ritos, às vezes universais, mas consagrados pela repetição oportuna e especialmente situada, essa massa popular urbana melhor revela suas opiniões e reivindicações, exercitando a crítica e advertindo os grupos do sistema social dominante de seus propósitos e de sua força” (p. 28).

O capítulo dois é o central do trabalho. Nele, o autor aborda os conceitos da folkcomunicação e da folkmídia. Ele inicia descrevendo o surgimento da folkcomunicação, fundamentado nas pesquisas de Luiz Beltrão. “Em um processo comunicacional padrão (fontemensagem-canal-receptor) o processo pararia por aqui, mas o processo folkcomunicacional neste ponto inicia um novo ciclo no fluxo da

mensagem, onde os líderes se tornam comunicadores e transmitem uma mensagem através de um canal folk, chegando então a uma audiência que Beltrão intitulou de Audiência Folk. (p. 24). (...) Seguindo o pensamento de Beltrão temos três tipos de grupos marginalizados que compõem a audiência folk: os grupos rurais marginalizados de áreas isoladas e, nas cidades, os messiânicos (milenaristas, sebastianistas, seguidores de Padre Cícero, Frei Damião, de milagreiros e de líderes espíritas etc.); os político-ativistas (quilombolas, cangaceiros, políticos e revolucionários 'carismáticos' etc.) e os erótico-pornográficos (homossexuais, grafiteiros etc.)."

Sobre o termo "folk^mídia", o autor utiliza as palavras do professor Joseph Luyten, acerca da necessidade de se usar "nomenclatura adequada para os diversos fenômenos que vêm ocorrendo com o crescente domínio dos meios de comunicação de massa. Uma vez que a palavra mídia (ou media) significa 'meios', isto é, meios, sistemas de comunicação de massa e folk (com 'k', como queria Luiz Beltrão) é abreviação de 'folkcomunicação', julgamos conveniente destacar o termo folk^mídia como significativo de utilização de elementos folk-comunicacionais pelos sistemas de comunicação de massa".

O autor descreve a trajetória da Hip Hop até a sua continuidade com rap e o desenvolvimento do 'estilo' no Brasil. Fábio afirma: "(...) notei dentro das comunidades suburbanas e guetos onde se propaga a cultura afro-brasileira que estes artistas populares que escrevem, improvisam e cantam o rap são muito respeitados e alguns até admirados, como é o caso dos Racionais MC's. Podemos considerá-los desta forma líder de opinião, que Luiz Beltrão denomina de líderes comunicadores. Estes líderes têm funções importantes dentro de suas comunidades, como a de informar e conscientizar a população que a situação não é boa e pode ser mudada, mas um papel muito importante destes líderes é o de trazer esperança de que com luta a situação vai melhorar".

Para concluir, como o mestre Fábio Rodrigues Corniani, pensamos que o rap é um movimento de cultura popular, folkcomunicação e que mereceria um estudo mais aprofundado de suas relações com a folk^mídia.

Comunicação & Sociedade

Revista Semestral de
Ciências da Comunicação, integrante do
Programa de Pós-Graduação em
Comunicação Social da
Universidade Metodista de São Paulo.

Artigos, comentários, relatos de pesquisa
e resenha de obras.

A revista acolhe textos inéditos de pesquisadores do
Brasil e do Exterior.



Universidade
Metodista
de São Paulo

Edição

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Rua do Sacramento, 230 - Edifício Iota - Rudge Ramos - 09735-460 - São Bernardo do Campo - Sp
Fone: (55__11) 4366-5883 / 4366-5550 - Fax: (55__11) 4366-5817
E-mail: publicom@metodista.br

Pedido de permuta e exemplares avulsos
Editora Universitária

Rua do Sacramento, 230 - Rudge Ramos - 09735-460 - São Bernardo do Campo - Sp
Fone: (55__11) 4366-5599 / 4366-5537
E-mail: editora@metodista.br